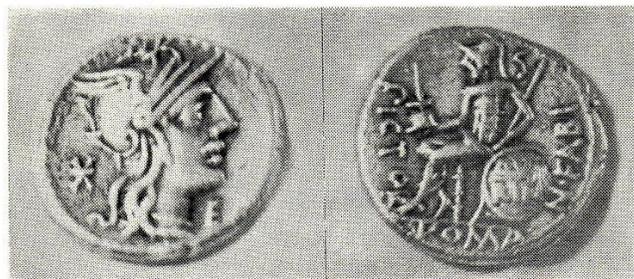


FRANCISCO J. R. HENRIQUES
JOÃO C. CANINAS

•
Estações Romanas

— de —

Vila Velha de Ródão



NOTÍCIA PRELIMINAR — MATERIAIS

/

NÚCLEO REGIONAL DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA

CASTELO BRANCO

1978

INTRODUÇÃO

Este trabalho (1) pretende divulgar quatro estações romanas, situadas na freguesia e concelho de Vila Velha de Ródão. Constitui, por outro lado, uma mera contribuição para a Carta Arqueológica que nos propomos fazer, numa área que corresponde, parcialmente, aos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa.

Embora se possam desvanecer muitas das hipóteses aqui formuladas, achámos útil chamar a atenção para diversos dados notados, vestígios inéditos, e suas possíveis implicações . . ., uns por terem interesse directo, outros porque com o tempo cairão no esquecimento e na ruína.

Há a salientar que, a brevidade do presente trabalho se deve a dois factores :

- A ausência de material que tipologicamente pudesse contribuir para uma inserção, destas estações, no fenómeno da romanização — abre-se excepção para um fragmento de Terra Sigillata e para uma moeda, que, no entanto, não passam de elementos isolados.*
- E o facto de o Núcleo Regional de Investigação Arqueológica atravessar uma fase de prospecções.*

N.R.I.A.

(1) Baseado no Diário de Campo do N.R.I.A., onde se relatam os resultados das prospecções efectuadas desde 1973.

1. AS ESTAÇÕES

«Villa-Velha-de-Rodam — ...Vestígios romanos aparecem com frequência nesta região; ali reconheci em 1906 quatro estações numa área de poucos kilometros.» (2)

Com estas palavras Tavares de Proença indica, sem mais pormenores, quatro locais que poderão corresponder aos que abaixo indicamos.

Estações	Data das descobertas (3)	Ponto de referência	Cota em metros	Coordenadas Geodésicas (rede geodésica nacional)	Cartas: Militar e Geológica Folha n.º (4)
Vila da Revelada	8/6/73	Palheiro sito no interior da estação	110-120	M- 1° 28' 2" P-39° 40' 33"	303 24-D
Fonte dos Piolhos	/ /73	Nascente que dá o nome à estação	100	M- 1° 29' 42" P-39° 39' 28"	314 28-B
Quinta do Açafal	/8/76	Ponto a 50 metros da estrada principal	100-108	M- 1° 28' 55" P-39° 39' 30"	idem
Salgueiral	idem	Ponto no muro sul de uma tapada	120-130	M- 1° 30' 41" P-39° 39' 20"	idem

(2) Francisco Tavares de Proença Júnior (director do Museu Municipal de Castello Branco), *Archeologia do districto de Castello Branco (1.ª Contribuição para o seu estudo)*, 25 p., Leiria 1910, p. 16. Ver Mappa Geral — V. V. de Ródão, p. 24-25.

(3) Pelo Núcleo Regional de Investigação Arqueológica.

(4) — Edições (Folhas: 303 (Sarnadas de Ródão) e 314 (Vila Velha de Ródão) do Serviço Cartográfico do Exército, a partir dos trabalhos de campo de 1946. Esc. 1/25 000.

— Edições, da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, de 1964 (28-B/Nisa) e 1966 (24-D/Castelo Branco). Esc. 1/50 000.

1.1. VILA DA REVELADA ⁽⁶⁾

A estação revela-se por uma série de manchas, de vestígios superficiais de ocupação, distribuídas junto à margem direita da ribeira do Açafal (figs. 1 e 7). Foi na mancha maior, que se estende ao longo do ribeiro de São Pedro, que tiveram lugar os respectivos achados aqui referidos.

Encontra-se num terreno lavrado anualmente, com oliveiras de grande porte e pouca erva, sendo composto por um banco de arcoses, observável na margem direita da ribeira e coberto superiormente por aluvião moderno. À superfície é visível muita cerâmica, com característica tegulae de rebordo, assim como blocos de xisto, fragmentados, e em menor quantidade graníticos (na parte inferior das umbreiras de uma porta do palheiro — referência, situado nesta estação, estão dois blocos de granito róseo), vestígios indubitáveis de antigas construções.

Os que costumam fazer a sua vida nesta zona contam ser este local muito antigo, «já lá dos mouros talvez» e a propósito passamos o seguinte relato :

«Na primavera de 1974 o sr. Joaquim Grande andando a lavar começou a notar o arado a escapar-se-lhe por cima de umas lajes. Na mira de algum tesouro, deixou o arado, tirou toda a terra, alevantou as lajes e só encontrou uns ossitos esfarelados e uns pratos partidos, e numa das lajes estavam uns nomes escritos.

.....
Quando eu era mais novo, passava todos os dias ali à aba de uma azinheira onde (local por baixo da via férrea) havia uma coisa parecida com uma caixa de

(6) Atribuição feita por um pastor, em 8/8/74, àquele local — fronteiro ao Monte da Revelada, do lado oposto do ribeiro de São Pedro —, no sentido de «cidade antiga».

pedra. Chegava a casa e todos os dias dizia à minha mulher :

— «Qualquer dia vou lá àquele sítio, assim, a cavar aquilo que pode lá estar a nossa fortuna.»

E a minha mulher sempre me dizia :

— «Não sejas maluco homem, lá não encontras nada». Um dia quando lá passei já aquilo estava tudo revoltado.

.....
E os antigos diziam que entre o ribeiro de São Pedro e a Buraca da Moura existe um tesouro tão grande, que bem de quem o encontrar.» (declaração de um pastor, no local, em 8/8/74).

O anterior relato traz-nos indícios de prováveis tumulações, de que ainda não descobrimos vestígios. Em vão lográmos encontrar a inscrição referida pelo pastor. Um inquérito junto das pessoas mais ligadas ao local, decerto se revelará positivo.

Para aqueles que um dia pretendam visitar esta estação traçamos dois possíveis itinerários na carta anexa (fig. 1). Um seria, partindo da estação dos c. f. de Ródão, ao longo da linha dos c. f. (no sentido de Castelo Branco) até à primeira passagem de nível com cancela, derivando-se para N e NE. Na altura da grande ponte (dos c. f.), atravessa-se o ribeiro de São Pedro e entra-se na estação após a escalada da margem alta daquele ribeiro. Um outro caminho parte da estrada nacional n.º 18 no local da fábrica Celulose do Tejo, contornando-a e continuando, como vai indicado, até ao ribeiro de São Pedro. Tome-se como ponto de referência a ponte atrás referida.

1. 2. FONTE DOS PIOLHOS

Estação implantada em terreno de aluvião, sobre plataforma de arcoses (visível na bacia da nascente) e cascalheira, com uma cota ligeiramente superior à circundante, o que supõe

um autêntico «monte artificial», o mesmo acontecendo com as restantes estações. Fica localizada no Mingarou (figs. 1 e 8), monte do sr. Joaquim da Silva, à direita do ramal que do desvio da E. N. n.º 18 dá acesso à aldeia do Salgueiral, e junto de uma nascente conhecida localmente por Fonte dos Piolhos. O local é semeado todos os anos, contendo oliveiras de pequeno porte.

O material aqui encontrado será referido noutra parágrafo, contudo temos notícia de que, durante as obras da estrada para Salgueiral, foram encontrados blocos graníticos (estranhos a esta região geológica) na altura levados para local desconhecido. Durante a realização da primeira lavra por tractor o condutor disse-nos posteriormente, terem aparecido «cacos de barro» e algumas cantarias, depois aproveitadas na construção. Por outra altura, quando da abertura de valas para escoamento de águas, junto à estrada, foram encontrados alguns muros. Mais recentemente, informaram-nos de uma «exumação» que pôs a descoberto uma estrutura vertical (muro divisório ou de habitação). O caso deu-se de noite e foi obra de um indivíduo que, na mira de algum tesouro, ali se deslocou. Acompanhou por algum tempo esta estrutura sem que nada aparecesse, pelo que, falhada a empresa, dissimulou a cova repondo a terra retirada.

Na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira ⁽⁶⁾, a dado passo, no capítulo dedicado a Vila Velha de Ródão, é emitida a seguinte opinião toponímica: «Quanto a Lucriz pode bem ser o genitivo de Lucrecius, isto é, Lucrecii, «villa» de um indivíduo daquele nome...».

Este topónimo, genitivo antroponímico, vai ao encontro da estação arqueológica agora dada a conhecer — a villa descoberta no Mingarou, junto ao ribeiro do Lucriz. Portanto, é de admitir uma ligação entre o topónimo e a villa, ligação aliás levantada no desconhecimento de elementos arqueológicos com-

(⁶) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia Limitada, vol. 36, p. 28.

provativos, no excerto que acabámos de transcrever. Isto sem esquecer a limitação local, admitindo que ao longo do dito ribeiro poderão vir a descobrir-se novas estações (7).

1.3. QUINTA DO AÇAFAL

Tratando-se de um local fronteiro à Quinta do Açafal (fig. 1), para sul, no lado oposto da E. N. n.º 18, entre os edifícios da UNIBAGA (fábrica de extracção de óleo de bagaço) e o desvio para Salgueiral. O terreno é ligeiramente elevado sendo dominado geologicamente por arcoses, comporta séries de azinheiras.

O material aqui encontrado é escasso (facto justificado por lavras raras) cingindo-se a cerâmica grosseira, telhas, tijolos, fragmentos de cantaria e ainda grande quantidade de escórias de fundição. Numa das visitas ali realizadas vimos dois fragmentos de granito, afeiçãoados: um dormente e um movente de mó giratória. E recolhemos entre outras peças (cerâmicas) um peso de tear.

1.4. SALGUEIRAL

Está localizada, parcialmente, ao fundo de uma «tapada», propriedade do sr. Manuel Pires Cunha, junto da povoação do Salgueiral (figs. 1 e 9). Dela unicamente conhecemos alguma cerâmica superficial, tais como telhas, restos de recipientes e um dormente de mó giratória, fragmentado, junto à fachada da casa do proprietário deste terreno. Segundo nos disseram foi encontrado durante uma lavra.

O terreno, de depósitos arcósicos, é parcialmente lavrado,

(7) 2,5 Km para montante, sensivelmente, numa pequena planura alusível, junto à foz de um afluente da margem direita (ribeiro da Silva Macha) e para montante deste, aparecem vestígios cerâmicos, no entanto atípicos.

tem oliveiras e azinheiras, existindo uma horta num dos extremos da tapada. De todas é esta a estação que tem uma menor planície a seus pés, revelando-se igualmente numa área menor.

2. MONUMENTOS

Não é de desprezar a ideia de que uma rede de vias servisse a região (fig. 1), pois existem nos subúrbios de Vila Velha de Ródão restos de calçadas que poderiam ter sido romanas ou com substrato romano. Assim, a poucos metros do limite desta vila, entre esta e o ribeiro do Enxarrique, localizam-se três calçadas com diferentes orientações :

- Uma primeira, mais a sul, poderia servir as estações da **Quinta do Açafal**, da **Fonte dos Piolhos** e do **Salgueiral**, daí seguindo para Perais onde se inscrevem duas outras estações romanas e dois troços de via, mais conhecidos por «estrada romana» da Telhada e Calçados ⁽⁸⁾.
- Uma segunda via, em bom estado de conservação, segue uma direcção intermédia. Atravessaria possivelmente o local onde se encontra actualmente instalada a Celtejo. Continua junto aos edifícios do Ciclo Preparatório.
- Da outra via apenas se notam alguns metros de cal-

(⁸) Idem da nota (²), Mappa Geral -- Perais, p. 22-23. O autor apenas indica uma estação romana nesta zona, decerto o local (Cadaveira) de onde adquiriu parte de uma inscrição funerária, hoje no Museu de Castelo Branco e publicada no *Archeólogo Portugues*, vol. XII, n.º 5 a 8, 1907, p. 176, sob o título: *Inscrições romanas de Castello Branco* (artigo de 7 p.). Seria pois uma necrópole. Em 25/12/74, em conversa com o sr. António Pires (Perais) tivemos conhecimento de um antigo livro de registos, iniciado por volta de 1807 e propriedade da paróquia de Perais, onde eram apontados dois «castros romanos», um na Cadaveira, e as calçadas já referidas.

çada com ligeira forma de cotovelo, e que poderia seguir em direcção à **Vila da Revelada**, atravessando, mais à frente, por uma ponte, de que adiante falaremos, a ribeira do Açafal.

Em relação à origem directa destas calçadas, já que se centram nas proximidades de Ródão, levantamos duas hipóteses :

- Ou uma origem através da serra (crista quartzítica) atravessando-a.
- Ou ao longo desta, do lado nascente.

Ainda assim a primeira é a que tem maior viabilidade por se conhecer uma antiga via ⁽⁹⁾, através da serra, que ligava ao Perdigão ⁽¹⁰⁾, região onde há notícia de duas outras estações ⁽¹¹⁾.

O prolongamento destas vias poderia entroncar, para norte e na direcção de Castelo Branco ⁽¹²⁾ ⁽⁹⁾, nas estradas romanas da Idanha-Emerita Augusta e Idanha-Abrantes ⁽¹³⁾ ⁽⁹⁾. É ainda admitida uma ligação com Idanha na seguinte passagem, do trabalho : **Monumentos Históricas do Concelho de Mação...**, ⁽¹²⁾, : — «...No trajecto, destas estradas da Idanha-Ródão, en-

⁽⁹⁾ Foi o sr. João Rodrigues Castelo, de Vila Velha de Ródão, que nos falou na «Estrada Velha» que passava, entre outros locais, em Sarnadas, Atalaia, Quelhinhas (Serrasqueira), Vermelhas, Revelada (Açafal), atravessaria em seguida a serra prosseguindo por Fratel, Silveira, continuando para SO talvez até Abrantes, segundo o informador. Também na Serrasqueira, Tavares de Proença aponta uma estação romana. Observam-se restos de trilhos talhados na picarra (xisto) em Quelhinhas (fig. 1-10). A respeito desta via veja : D. Fernando de Almeida, *Egitânia — História e Arqueologia*, 452 p., Lisboa 1956, p. 30.

⁽¹⁰⁾ A via, referida na nota anterior, teria um desvio para Perdigão ou passaria perto.

⁽¹¹⁾ Idem da nota ⁽²⁾, Mappa Geral — Fratel, p. 20-21.

⁽¹²⁾ Idem, ibidem — Castelo Branco, p. 18-19; referência a 11 estações romanas nas proximidades desta cidade.

contra-se a Senhora da Moita e vestígios de via-romana (?) bem perto.» E na estrada de Conímbriga-Emerita Augusta ⁽¹³⁾ (?) atravessando o Tejo, para jusante ou montante das Portas de Ródão e aproveitando as margens mais baixas correspondentes à orla das bacias tectónicas do Arneiro e Ródão ⁽¹⁴⁾, respectivamente. Nesta última localidade o topónimo Porto do Tejo, aplicado à zona ribeirinha da vila, aponta para um antigo porto ⁽¹⁵⁾, que se situaria na curva que o rio descreve antes de passar a primeira crista, rasgada, do sistema quartzítico a que pertencem as Portas de Ródão.

Já na ribeira do Açafal, a algumas centenas de metros da **Vila da Revelada**, existe uma ponte, de arquitectura aparentemente romana (?), com quatro arcos parabólicos, passarela de três planos, em trapézio, com rebordo parcialmente danificado e talha-mares (figs. 1 e 10). Está construída com o material da região, o xisto. Pela margem direita serviria a estação romana e uma mina, de que falaremos, e pela margem esquerda asseguraria uma ligação a outras estações. Ainda hoje é utilizável. Em relação a esta ponte, é de lamentar que a C.M. de V.V.R. tivesse permitido a passagem de uma canalização, pelo seu interior, quando para este caso haveria inúmeras soluções sem porem em risco a integridade do monumento.

3. DADOS ECONÓMICOS

3.1. RIQUEZA AGRÍCOLA E MINEIRA

Como é verificável na carta (fig. 1) as quatro estações dominam pequenas planícies, ainda hoje aproveitadas na agri-

⁽¹³⁾ Maria Amélia Horta Pereira, *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*, 610 p., Mação 1970, p. 386-387.

⁽¹⁴⁾ Notícia Explicativa da Folha 28-B da Carta Geológica de Portugal, esc. 1/50 000, *Nisa*, 29 p. Edição dos Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa 1965, p. 27...

⁽¹⁵⁾ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*,..., vol. 36, p. 31 e 33.

cultura. Assim à **Vila da Revelada** corresponde a planície do Açafal, à **Fonte dos Piolhos** a planície do Loariz, à **Quinta do Açafal** a planície do Açafal e do ribeiro do Coxerro e finalmente à estação do **Salgueiral** a planície do Loariz e a de uma torrente sua afluente.

Como se presume a agricultura seria a actividade base dos aglomerados em causa. Porém, há hipóteses de que o minério de cobre fosse explorado, possivelmente a partir da **Vila da Revelada**, visto ser esta região rica em pirites e a sua exploração ter perdurado até este século ⁽¹⁶⁾ e ainda por terem aparecido escórias na maioria das estações, para além do facto de poder existir, em cada uma, um ferreiro. A cerca de 1 200 metros daquela estação fica situada a Buraca da Moura (figs. 1 e 11), local de exploração, não só do século passado (e deste século; a última lavra data da década de 40) mas, possivelmente romano também. Fundamentamo-nos nos seguintes factos: um, a atribuição mítica ⁽¹⁷⁾, popular, apenas para uma das várias minas

⁽¹⁶⁾ Idem, Folha 24-D.,..., *Castelo Branco*, 24 p.,..., Lisboa 1967, p. 20. Em Aljustrel os poços romanos foram parcialmente retomados, na exploração, nos meados do séc. XIX (Jorge de Alarcão, *Portugal Romano*, Editorial Verbo, 273 p., Lisboa 1973, p. 126).

⁽¹⁷⁾ A este respeito, contava-se (talvez os mais velhos ainda contem) um interessante episódio ocorrido na Buraca da Moura com um tal Dr. Russo, de Castelo Branco, e um grupo de trabalhadores. Teve lugar nos fins do século passado, quando dos trabalhos de instalação do troço de linha dos c. f., da Beira Baixa, entre Abrantes e a Guarda, com a descoberta de uma passagem, a partir de uma das aberturas da tal mina, na altura abandonada. A curiosidade impeliu-os a uma exploração da galeria que se adivinhava para lá dessa entrada. Contaram terem descoberto uma «sala» talhada na rocha (complexo xisto-grauváquico), mobilada com uma mesa, bancos e cadeiras de pedra — na imaginação deles uma obra fabulosa, dos mouros. Ficaram de tal modo impressionados e assustados com o esplendor, estranho, daquele antro recôndito que nunca mais lá quiseram voltar. Trouxeram, como prova, algumas das loiças que por lá havia. Um bisavô de um de nós, falecido ferreiro de Ródão, conta ter ali entrado, na

que existem na região; um outro processo de exploração ⁽¹⁸⁾; e o aparecimento de fragmentos cerâmicos, talvez romanos (?), na base do cabeço onde se abre a mina.

3.2. UMA HIERARQUIZAÇÃO

Para dar uma visão mais esclarecedora, além da simples notícia, temos poucos dados, contudo juntámos aos arqueológicos os económicos de forma a sintetizarmos uma hierarquização.

Assim, das quatro estações em causa a principal seria a **Vila da Revelada**, que poderíamos considerar uma **villa** de grandes dimensões ou um **vicus** :

- Pela maior área que aparentemente abrange.
- Pela maior planície.
- Pela proximidade da via de comunicação.
- E pela exploração mineira (?).

Todas as outras seriam pequenas **villae**, mormente as duas

mesma época e talvez na mesma altura, com outros homens. Acrescenta que, precisando uma localização, após terem transposto um fosso com água (que tivemos oportunidade de ver na abertura interior da mina), e uma passagem estreita, entraram numa «sala», idêntica, com uma mesa de pedra ao centro, sobre a qual estavam umas loiças partidas que, posteriormente, ofereceram ao Museu de Castelo Branco (?).

Descrição de construções idênticas corre na Lardoza (distrito de Castelo Branco), aplicada a uma mina conhecida por *Maria Gadanha*.

(18) Nessa mina existe um poço, hoje entulhado, por onde se fazia a exploração. Por aí tinha escoamento o minério, num processo semelhante ao descrito por Abel Viana nas Minas de Aljustrel, no tempo dos romanos (*Portugal Romano*,..., p. 127, fig. 32). Consistia num sistema de elevação manual, com um tambor, tendo de cada lado uma manivela e armado à boca do poço, por onde se enrolava a corda, esta apetrechada com um balde em cada ponta.

primeiras, porquanto a estação do Salgueiral, pela sua extensão, nos obriga, **a priori**, a pôr certas reservas.

4. MATERIAL ⁽¹⁹⁾

O teor das observações que faremos sobre o material terá de se enquadrar no âmbito desta comunicação, como notícia limitando-nos a fornecer alguns dados genéricos e identificativos sem entrar em tipologias arriscadas, nomeadamente para os pesos de tear.

Foi através de achados de superfície, dos quais destacamos os seguintes, que se identificaram as estações que constam do presente trabalho, sem esquecer de referir o aparecimento de pegas várias, bordos e fundos de recipientes de diferentes dimensões, desde pequenos vasos até dolios, ainda as sintomáticas telhas de rebordo **tegulae**, **imbrices**, mós giratórias e por fim as escórias de fundição.

4.1. DENÁRIO

Descoberta mais recuada, há cerca de 30 anos, é a de uma moeda (fig. 2) romana, de prata, na **Vila da Revelada**, quando aí se procedia a uma lavra. A peça está em óptimo estado de conservação, permitindo uma interpretação fácil da cunhagem. Após uma consulta em livros da especialidade ⁽²⁰⁾ foi identificada como sendo um denário da República. Moeda idêntica (fig. 3) nos motivos, apenas com algumas diferenças neste ou naquele pormenor (decerto produto de diferentes emissões ou simplesmente de diferentes cunhos), vem representada no trabalho de Ernest Babelon ⁽²⁰⁾.

⁽¹⁹⁾ O denário pertence a Rui Rolando Morgado (Vila Velha de Ródão).

⁽²⁰⁾ Ernest Babelon, *Description historique et chronologique des monnaies de la République Romaine (vulgairement appelées monnaies consulaires)*, Tome premier, 562 p., Bologne 1963, p. 483-485.

Descrição da moeda :

- 1 — N.º de Babelon — Fabia 11
- 2 — Cunhagem
 - Anverso — Ocupando totalmente este lado, vem representada a cabeça da deusa Roma com capacete alado. Atrás desta figura vê-se o símbolo : * e abaixo do queixo da deusa uma letra alfabética variável : E.
 - Reverso — Ao centro Q. Fabius Pictor sentado de lado, com capacete, tendo na mão direita o atributo de **flamen** e segurando com a outra mão uma lança. Junto, um escudo redondo onde se divisam as letras : QVIRIN. Há outra letra alfabética variável entre o capacete e a ponta superior da lança : S. Em baixo, um traço horizontal separa o termo ROMA do resto da cunhagem. Ladeando a figura central aparece o nome do monetário (Numerius Fabius Pictor) assim abreviado : N. FABI. PICTOR
 - Em ambas as faces da moeda, notam-se restos da auréola, de picotado, envolvente.
- 3 — A cunhagem da moeda descrita por Ernest Babelon ⁽¹⁷⁾ data do século II a. c. (110 a. c.)
- 4 — Módulo — 18 mm
Espessura máx. — 1,6 mm
Peso — 3 gr.

O monetário deve ser o neto do pretor e **Flamen Quirinalis** representado no reverso da moeda : Q. Fabius Pictor ⁽²⁰⁾, é apenas conhecido, noutros testemunhos escritos, por meio de Cícero ⁽²¹⁾.

A respeito deste numisma, passamos a citar alguns factos importantes. O primeiro diz respeito à raridade deste exemplar em Portugal. Com efeito, não consta no trabalho de Mário de

⁽²¹⁾ *De Divin.*, I, 21, 43.

Castro Hipólito sobre tesouros de moedas ⁽²²⁾, onde, no entanto, não deixam de ser referidas algumas moedas cunhadas por outros membros da família Fabia, anteriores e posteriores, e moedas contemporâneas (n.º de Babelon — Cassia 1, Mcenia 7, Licinia 7, Porcia 4). E o facto de uma moeda com esta antiguidade, quando a conquista da península ainda não tinha terminado, ter aparecido numa *villae* quando seria natural o achado num povoado, na altura, em vias de romanização ou romanizado ⁽²³⁾. Esta circunstância pressupõe a existência de um estrato indígena, correspondendo a um casal agrícola pré-romano ⁽²⁴⁾, que se justificaria atendendo à fertilidade desta área, em contraste com a maioria do território circundante. Não passa porém de uma hipótese, que exigiria uma comprovação pela proximidade de um castro ⁽²⁵⁾ e pela recolha in loco de vestígios de ocupação dessa época. O confirmar-se esta hipótese daria uma importância relevante à estação, que, à partida, abre perspectivas a uma ocupação durante, pelo menos, seis séculos. Resta (admitimos outras vias) ainda ter vindo, posteriormente à formação da *villae*, de um castro próximo.

⁽²²⁾ Mário de Castro Hipólito, *Dos tesouros de moedas romanas em Portugal*, Conímbriga, vol. II-III, 165 p., Coimbra 1960-61.

⁽²³⁾ O aparecimento de uma moeda do séc. II a. c., nesta *villa* ou *vicus*, poderia explicar-se, não propriamente pela romanização de um espaço agrícola, mas por uma ocupação desse mesmo espaço, talvez já anterior, por um corpo de exército romano, ali estacionado com o fim de iniciar ou continuar explorações mineiras, em proveito da República. Foi este um dos móveis da conquista da península pelos romanos. É perfeitamente admissível a existência de uma unidade agrícola indígena, simultaneamente à presença militar romana, e de que se originaria mais tarde a *villa* propriamente romana.

⁽²⁴⁾ Sobre este problema vide Jorge Alarcão, *Portugal Romano*, capítulo III — Vida Rural pp. 104-106.

⁽²⁵⁾ Tavares de Proença informa (*idem* da nota ⁽²⁾, p. 16; José Lopes Dias, *Francisco Tavares de Proença Jr. Fundador do Museu de Castelo Branco (Vida e Obras)*, in *Estudos de Castelo Branco* 1972, p. 139) da existência de um castro lusitano-romano, sobre

4.2. TERRA SIGILLATA ⁽²⁶⁾

Durante uma visita à **Vila da Revelada**, no dia 10 de Agosto de 1975, recolhemos um fragmento de fundo de prato, chato, com decoração geométrica no interior (figs. 4 e 6). Peça com especial interesse (outros fragmentos há, que por muito deteriorados, apenas reconhecíveis pela pasta, não merecem de momento mais que esta referência) por ser a primeira sigillata ali recolhida e pelas possibilidades de datação.

Tipologicamente é uma Terra Sigillata Clara D, segunda a nomenclatura de Lamboglia; tipo caracterizado por pratos de grandes dimensões, com decoração estampada. A pasta é fina e apresenta um tom vermelho alaranjado. Tem engobe e polimento no interior, limitando-se a capa exterior ao segundo acabamento. A decoração, deduz-se a partir do fragmento que nos resta, encontra-se disposta num medalhão central, sendo representada por dois tipos de motivos decorativos: as palmetas e os círculos. Uma hipotética reconstituição ⁽²⁶⁾, deste medalhão, revelaria uma composição irradiante formada por cerca de sete palmetas, tipo folha de feio, talvez em linha descontínua ⁽²⁷⁾,

as Portas de Ródão, na plataforma onde se ergue a torre de menagem do antigo castelo Templário, conhecido por castelo do Rei Vamba. Temos a notar a ausência, até hoje, de vestígios de superfície desse castro. Um outro, também romanizado, existe para os lados da Vidigueira, entre Perais e Alfrívada, tendo sido, em parte, explorado por aquele arqueólogo (idem da nota ⁽²⁾, p. 2; *Anta da Urqueira*, Leiria 1909, p. 11; *Ensaio de inventário dos castros portugueses*, Leiria 1908, p. 36).

⁽²⁶⁾ Bibliografia:

- Jorge de Alarcão, *Portugal Romano*,..., p. 151.
- Adília Moutinho de Alarcão e Jorge de Alarcão, *Cerâmica Estampada Vermelha de Conímbriga*, in Arquivo de Beja, vol. 20-21, 20 p., Beja 1963-64.
- Manuela Delgado, *Terra Sigillata Clara de Conímbriga*, Conímbriga, vol. VI, 82 p., Coimbra 1967, p. 57-59.

⁽²⁷⁾ Adília Moutinho de Alarcão e Jorge de Alarcão, *Cerâmica Estampada*....., p. 97, Est. III — 5 e 6.; *Fouilles de Conímbriga*,

dispondo-se entre as suas pontas, sete motivos circulares, compostos da combinação de dois círculos lineares com um dentado e exterior, sendo os componentes oblíquos ao raio dos círculos adjacentes. O centro da estrela possuiria (?) um outro medalhão, concêntrico com o primeiro, onde caberia, caso tivesse, uma marca de oleiro.

Este fragmento cerâmico constitui um dos primeiros elementos datativos da presença humana na **Vila da Revelada**. Assim, graças a uma tipologia segura, permite prever uma ocupação desta estação durante o período de expansão daquele tipo de vasos (Baixo-Império), que, em termos de cronologia, se inicia por volta dos últimos decénios do século III d. c. tendo sido incrementada a produção a partir do 2.º quartel do século seguinte (IV d. c.), dizendo-se por esse facto ser uma cerâmica típica daquele século. Dentro deste período é já tardia por se encontrar representada a palmeta tipo folha de feto, um dos tipos mais tardios da série das palmetas. O seu desaparecimento julga ter-se dado por volta do séc. V d. c., sendo rara nos espólios visigóticos.

Teve grande expansão marítima, é abundante em Portugal, especialmente no sul e em Conímbriga, aparece igualmente no Norte de África (onde se julga ter-se iniciado a produção) e nas margens do mediterrâneo setentrional.

4.3. PESOS DE TEAR

Sobre pesos de tear em barro (figs. 5) passamos a referir alguns dados, tais como : qualidade de pasta, tonalidades, formas e grafitos. Todos eles conservam evidentemente as suas características próprias, como pesos de tear, embora se encon-

publiés sous la direction de J. de Alarcão et R. Étiene, vol. IV, 370 p., livre IV — Les Sigillées Claires par Manuela Delgado, Françoise Mayet e Adília Moutinho de Alarcão, Paris 1975/p. 308, planche LXXVI — 153.

trem na totalidade fragmentados pela acção do tempo e de repetidos remeximentos no solo.

4.3.1. No respeitante à qualidade da pasta há a dizer que esta é no geral mal coada (grosseira), variando a quantidade de areias e o seu calibre (finas, médias e grossas). Outro elemento anti-plástico, a mica (neste caso moscovite), encontra-se em pequena quantidade e por meio de reduzidas partículas, estando mais representada nos pesos 2, 6, 7 e 9. As tonalidades estão diversificadas no conjunto e em cada peso em particular, por efeito da cozedura e da heterogeneidade da pasta (?).

QUADRO DESCRITIVO

Pesos	Proveniência	Data da recolha	Pesagem	Pasta	Tonalidades
1	Vila da Revelada	24/12/73	440 g	Areias em quantidade, finas e médias predominantemente.	Vermelho alaranjado vivo no interior com ligeiro desmaio no exterior.
2	idem	idem	465 g	Fraca quantidade de areias, sendo médias e grossas.	Vermelho acastanhado e cinzento orgânico.
3	idem	idem	405 g	Areias em quantidade, predominantemente finas e grossas.	Castanho claro e cinzento acastanhado.
4	idem	idem	505 g	Fraca quantidade de areias, sendo médias e grossas	Vermelho alaranjado no interior com desmaio no exterior.
5	Fonte dos Piolhos	—	340 g	Algumas areias predominantemente médias e grossas.	Cinzento claro e castanho claro.
6	idem	8/8/74	330 g	Areias em quantidade predominantemente finas e algumas médias.	Castanho claro, cinzento e castanho alaranjado.

Pesos	Proveniência	Data da recolha	Pesagem	Pasta	Tonalidades
7	Fonte dos Piolhos	—	540 g	Areias em quantidade predominantemente finas e médias e uma pequena pedra.	Castanho avermelhado e cinzento claro.
8	idem	8/8/74	470 g	Algumas areias predominantemente médias e grossas.	Vermelho alaranjado.
9	idem	20/8/76	410 g	Areias em quantidade predominantemente finas e médias.	Castanho avermelhado, cinzento e castanho claro.
10	Quinta do Açafal	idem	235 g	Areias médias e finas em quantidade além de várias pequenas pedras.	No interior, negro orgânico, no exterior, castanho alaranjado.

4.3.2. GRAFITOS

Os grafitos representados em dois dos pesos recolhidos, na **Vila da Revelada**, são simples traços gravados, no barro fresco, na sua base superior mais próxima do furo de suspensão (fig. 5). Os exemplares assim gravados são de um mesmo tipo formal: o peso de secção transversal e longitudinal rectangular e superfícies planas com arestas boleadas, que contrasta com os pesos de secção transversal quadrangular, de superfícies planas na **Vila da Revelada** e superfícies bombeadas na **Fonte dos Piolhos**.

Descrição sumária:

Peso 3 — Traço oblíquo, entre cantos diagonalmente opostos, onde aflui um outro, relativamente reduzido, na direcção do seu ponto médio.

Peso 4 — Estão representados dois traços paralelos entre

si e aos lados maiores do rectângulo definido pela respectiva base. Um terceiro, menor, intersecta-os obliquamente sem prolongamento exterior ao inter-espaço por eles definido.

5. CONCLUSÃO

Trouxemos com esta publicação novos testemunhos sobre o povoamento no concelho, anteriormente ao séc. XII⁽²⁸⁾, marco antes do qual se desconhecem documentos escritos ilustrando esse mesmo povoamento. Estes elementos poderão ser interpretados como fases da ocupação humana deste espaço e serem postos na linha de origem de algumas povoações deste concelho. A origem de Vila Velha de Ródão, no sentido estrito, implica uma correspondência geográfica, condição que se verifica com a doação de 1189⁽²⁸⁾, porém na tradição é apontado o momento das Invasões Francesas⁽²⁹⁾, o que não parece estar em conformidade com a antiguidade do pelourinho⁽³⁰⁾. Ainda sobre Vila Velha de Ródão, e sem firme fundamento, Frei Bernardo de Brito⁽³¹⁾ faz coincidir esta vila, olhando ao topónimo final, com o oppidum lusitano — Ródio, ligação que parece absurda, tendo

(28) Numa tentativa de repovoamento das duas margens do Tejo, em 1189, D. Sancho I faz doação à Ordem do Templo, por meio de foral, de extensos terrenos de ambas as margens daquele rio, nos quais se inclui a herdade da Açafa. — *Grande Enciclopédia...*, p. 27-33.

(29) A fundação de Vila Velha de Ródão dataria, segundo a tradição, das Invasões Francesas, quando era apenas habitado o Porto do Tejo, tendo-se refugiado a população num local mais ermo, na encosta da serra. Por sua vez a origem do Porto do Tejo poderia remontar à época romana, senão antes, justificando-se a existência no local de um núcleo habitacional de pescadores.

(30) O pelourinho é dos inícios do séc. XVI. Ver: Arnel Afonso, *As Armas de Vila Velha de Ródão*, in *Portas de Ródão* (jornal regional).

(31) *Grande Enciclopédia...*, p. 28.

em conta as bases em que assenta sem esquecermos que a introdução do próprio topónimo parece ser relativamente recente ⁽³²⁾. Na mesma Enciclopédia ⁽³¹⁾, imediatamente a seguir, incluí-se nessas ligações absurdas a figura de Herodes, de quem contam existir perto um fojo com a sua sepultura ⁽³³⁾.

De acordo com o numisma recolhido no **vicus** da Revelada, podemos apontar para uma presença romana no séc. II — I a. c., é claro que em condições discutíveis. Esta antiga povoação, como maior espaço de ocupação, morto, que conhecemos nesta área, antes e depois daquele momento seria uma das fases de ocupação humana deste espaço regional e no sentido estreito ser considerada no mesmo plano hierárquico (categoria) da actual vila, na qualidade de povoação mais importante de determinada área regional.

Em conclusão, temos a assinalar, com este trabalho, novas estações no sul da Beira Baixa, nas proximidades de Vila Velha de Ródão, região pouco conhecida arqueologicamente. São nomeadamente, quatro estações de superfície, uma ponte, indícios de calçadas e de uma rede de vias, vestígios de minerações e finalmente, noutro plano, a presença de Terra Sigillata Clara D nestas bandas, bem como a presença remota de tropas da República Romana, como o atesta o denário de 110 a. c. .

⁽³²⁾ No trabalho de Luz Soriano, *História do Reinado de D. José I*, na parte referente a movimentos de tropas na região, quando da Guerra Peninsular ou dos Sete Anos (p. 503-516), a partícula toponímica Ródão, está ausente no nome desta vila, ali diversas vezes referida.

⁽³³⁾ Certamente a Buraca da Moura das Portas de Ródão, a que anda ligada a lenda do Rei Vamba. Ver : Paulo de Caratão Soromenho, *Lendário Rodanense*, in *Revista de Portugal*, série A, vol. XXX, Lisboa 1965; F. J. Ribeiro Henriques, *Apontamento Etnográfico Regional — Lendas*, in *Portas de Ródão*, n.º 89, 25/9/74.

em campo de pózeis em que os restos são espalhados que o in-
terior do próprio lapidário parece ter relativamente recente
(?) Na mesma Enciclopédia (?) imediatamente a seguir, inclui-
se nestas ligações o título de Heródoto, de quem con-
tem existiu parte um foto com a sua sepultura (?).

Da ordem com o grande reconhecimento visto da nave-
lada podemos apontar para uma presença romana no séc. II
— 1.º e 2.º e de um período de desenvolvimento. Este período po-
veria como maior espaço de desenvolvimento, que correspon-
do ao momento em que o lapidário está em uso.

*Agradecemos ao Arq. Gustavo Marques e a
José Manuel Garcia diversas indicações que
nos prestaram na execução deste simples tra-
balho. Agradecemos igualmente ao Dr. António
Martinho Baptista as fotografias que tirou ao
fragmento de Terra Sigillata, assim como a M.
Leitão autor das restantes.*

Francisco J. R. Henriques

João C. Caninas

(elementos do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica)

Castelo Branco, Dezembro de 1976

GRAVURAS

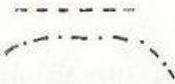
Sinais convencionados		Legenda
	Ponto de referência	—
	Estações (mancha- -área aparente)	1 — <i>Vila da Revelada</i> 2 — <i>Fonte dos Piolhos</i> 3 — <i>Quinta do Açafal</i> 4 — <i>Salgueiral</i>
	Calçadas	5-7
	Ponte	8
	Mina (abertura)	9
	Trilho na piçarra (xisto) Zona com muitos trilhos	10 — <i>Quelhinhas</i>
	Itinerário	E. — Estação dos c. f. C. — Celulose do Tejo
	Área aproximada dos achados	A — <i>Denário</i> B — <i>Sigillata</i>



Figure 1 — Localização dos echedos na Carta Militar



Figura 2 — Denário proveniente da Vila da Revelada

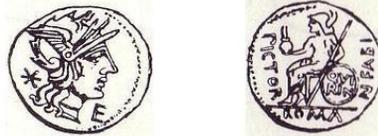


Figura 3 — Denário publicado por Ernest Babelon

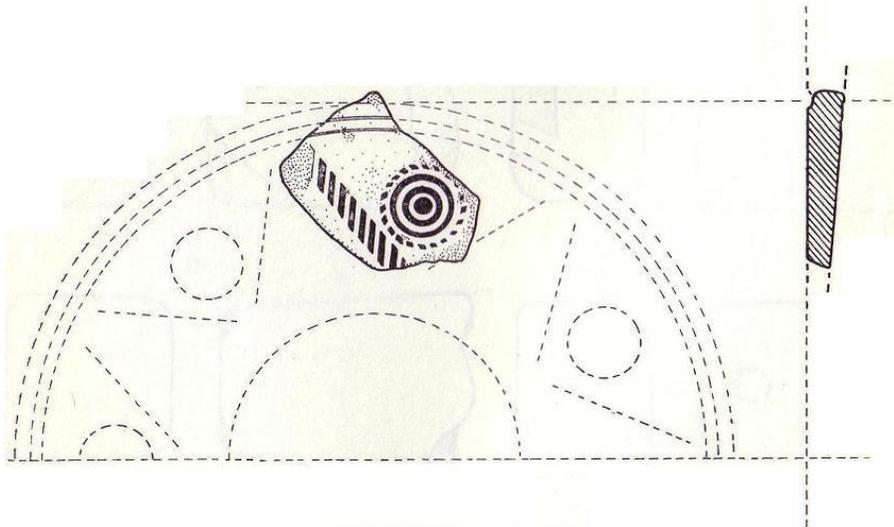


Figura 4 — Terra Sigillata

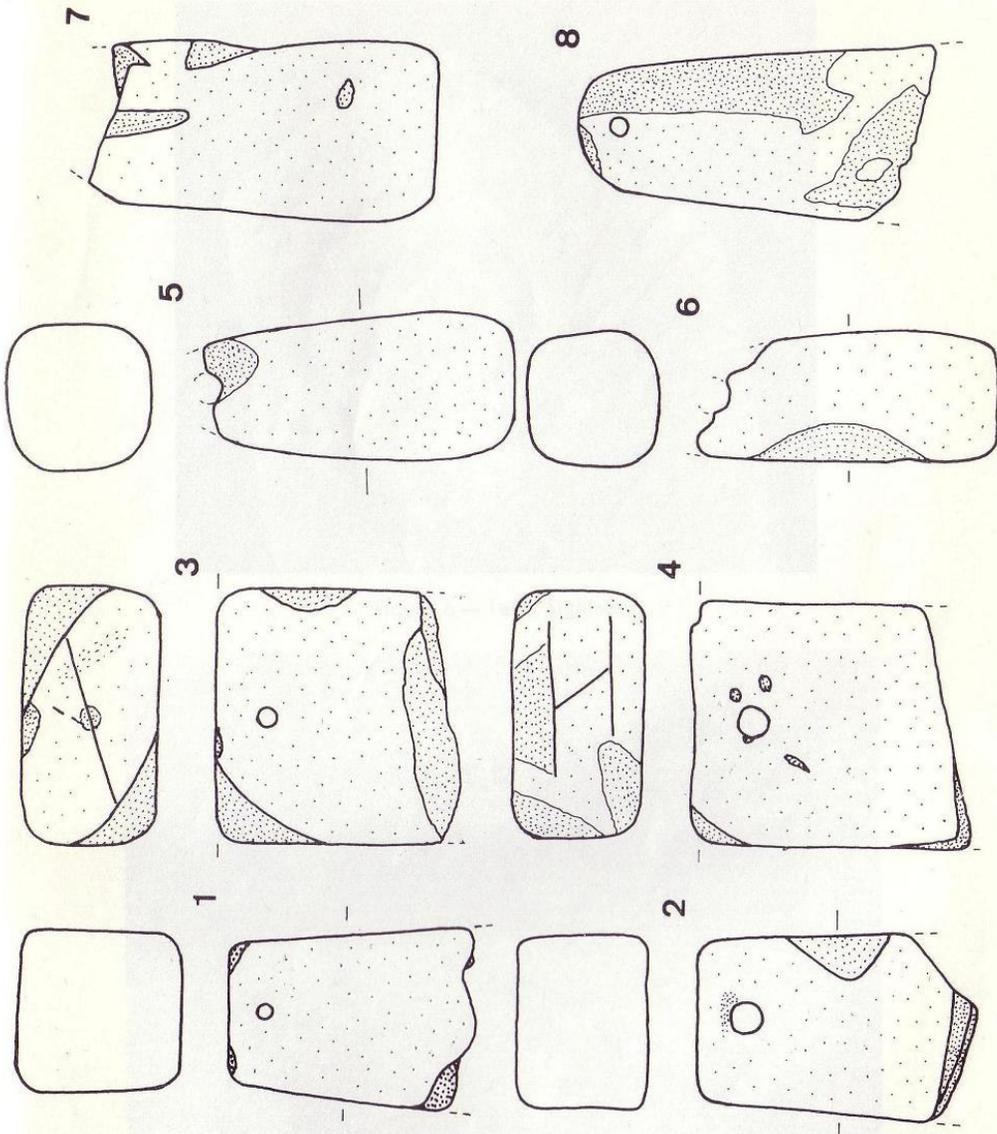


Figura 5

Pesos de
leer



Figura 6 — Terra Sigillata

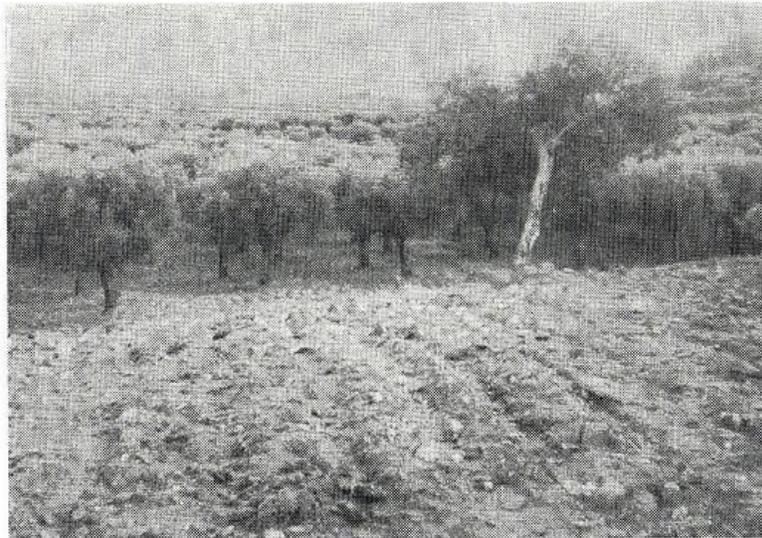


Figura 7 — Um aspecto da Vila da Revelada

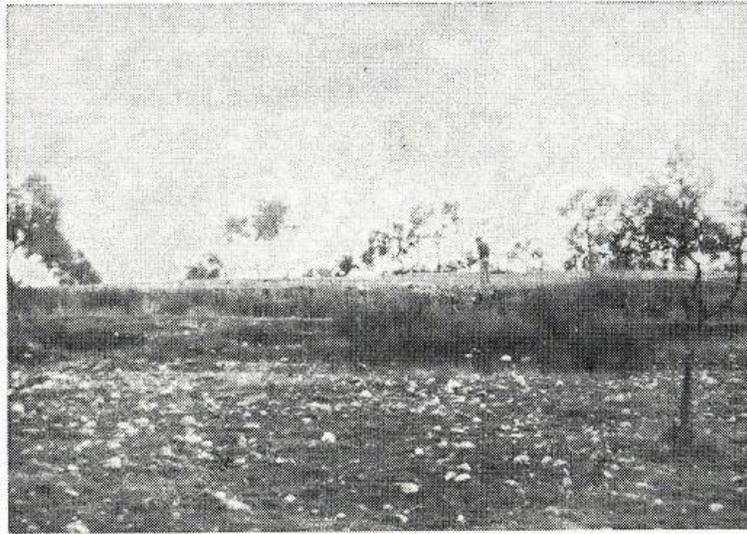


Figura 8 — Em plano superior eo da estrada (indicada por duas setas, sentido: Salgueiral para o esquerda e E. N. para o direita) um dos extremos da superfície correspondente à estação

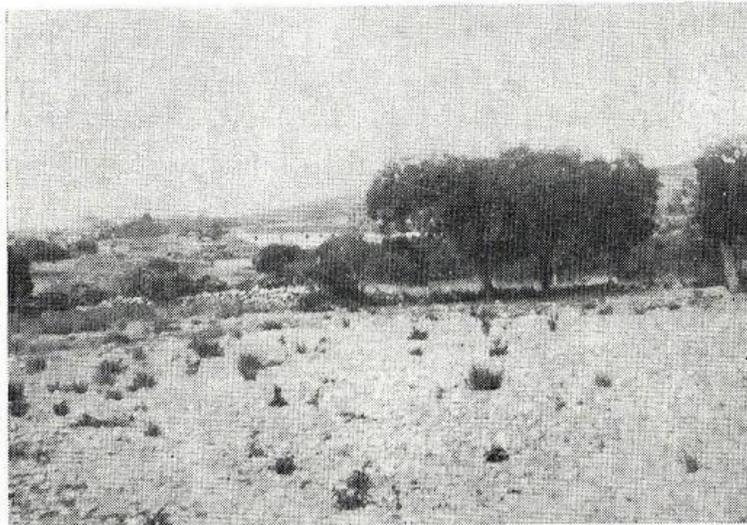


Figura 9 — Ao fundo o muro sul da «tapada», no Salgueiral

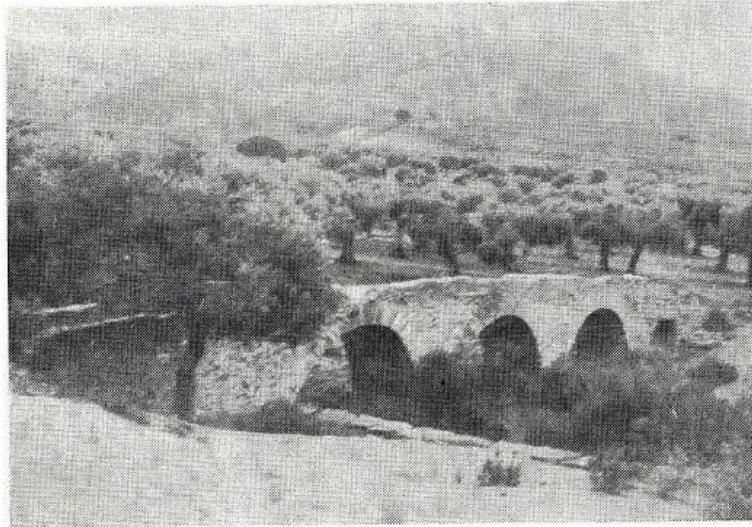


Figure 10 — Dois
aspectos da ponte
sobre a ribeira do
Açafal